Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v13n26p209

Entrevista

Da iniciação ao caminho atual de Pai José Luiz de Logun Edé: memórias de uma vida dedicada às religiões afro-brasileiras

José Luiz Izidro do Carmo[1]
Casa de Pai Joaquim de Angola e Caboclo Mata Virgem

Paulo Márcio da Silva Schiffini[2]
Universidade Federal Fluminense

Amanda Lacerda Jorge[3]
Universidade Federal Fluminense

Resumo

Esta entrevista, realizada por um de seus "filhos de santo" – filho espiritual do chefe da casa em uma comunidade religiosa afro-brasileira –, apresenta a trajetória espiritual e identitária de Pai José Luiz de Logun Edé, professor de geografia e sacerdote de Umbanda, no Rio de Janeiro. Iniciado aos oito anos no Candomblé por um chamado espiritual motivado por doença na infância, migrou posteriormente para a Umbanda e traz nesta entrevista toda a sua mudança de percurso. Atualmente, dirige uma casa "africanizada" que costura uma convergência entre o Candomblé e a Umbanda, além de prestar atendimento mediúnico comunitário. A entrevista revela as dimensões identitárias, resistenciais e comunitárias dessa experiência espiritual com reflexões sobre preconceito, intolerância religiosa e os laços existentes entre o Candomblé e a Umbanda no Brasil.

Palavras-chave

Candomblé. Umbanda. Religiões afro-brasileiras. Experiência Religiosa.

---

1. Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Veiga de Almeida. Atua como professor de Geografia do Ensino Médio no Colégio Estadual Souza Aguiar da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Dirigente do Terreiro de Umbanda Casa de Pai Joaquim de Angola e Caboclo Mata Virgem.

2. Administrador, bacharel pela UERJ, especialista em Gestão em Administração Pública (UFF) e mestre em Sistema de Gestão (UFF). Atua em projetos e pesquisas na área socioambiental, especialmente, na promoção da igualdade racial e contratações sustentáveis.

3. Socióloga e pesquisadora, pós-doutoranda em Sociologia pela UFF (2024/2026), doutora em Sociologia (2024) e em Política Social (2016) pela mesma instituição, mestre em Desenvolvimento Social (UEMG) e graduada em Ciências Sociais (UEMG). Dedica-se a pesquisas sobre as comunidades quilombolas, conflitos territoriais envolvendo povos e comunidades tradicionais, desigualdades raciais, sociologia rural e avaliação de políticas públicas e sociais.

From initiation to the current path of Pai José Luiz de Logun Edé: memories of a life dedicated to Afro-Brazilian religions

Abstract: This Interview, conducted by one of his "filhos de santo" – the spiritual son of the head of the house In an Afro-Brazilian religious community – presents the spiritual and identity journey of Pai José Luiz de Logun Edé, a geography teacher and Umbanda priest In Rio de Janeiro. Initiated Into Candomblé at the age of eight by a spiritual calling prompted by a childhood illness, he later migrated to Umbanda and presents this Interview throughout his change of path. Currently, he runs an "africanized" house that bridges the gap between Candomblé and Umbanda, In addition to providing community mediumship services. The Interview reveals the identity, resistance, and community dimensions of this spiritual experience, with reflections on prejudice, religious Intolerance, and the ties between Candomblé and Umbanda In Brazil.

Keywords: Candomblé. Umbanda. Afro-Brazilian religions. Religious experience.

De la iniciación a la trayectoria actual del Pai José Luiz de Logun Edé: memorias de una vida dedicada a las religiones afrobrasileñas

Resumen: Esta entrevista, realizada por uno de sus "filhos de santo" – el hijo espiritual del jefe de casa en una comunidad religiosa afrobrasileña – presenta la trayectoria espiritual e identitaria de Pai José Luiz de Logun Edé, profesor de geografía y sacerdote de Umbanda en Río de Janeiro. Iniciado en el candomblé a los ocho años por una vocación espiritual motivada por una enfermedad Infantil, posteriormente migró a la umbanda y presenta esta entrevista a lo largo de su cambio de rumbo. Actualmente, dirige una casa "africanizada" que conecta el candomblé con la umbanda, además de ofrecer servicios de mediumnidad comunitaria. La entrevista revela las dimensiones de identidad, resistencia y comunidad de esta experiencia espiritual, con reflexiones sobre los prejuicios, la Intolerancia religiosa y los vínculos entre el candomblé y la umbanda en Brasil.

Palabras clave: Candomblé. Umbanda. Religiones afrobrasileñas. Experiencia religiosa.

Introdução

A serenidade no olhar de Pai José Luiz de Logun Edé contrasta com a intensidade de sua rotina. Professor de Geografia da rede pública na cidade do Rio de Janeiro, ele é pai de santo – conforme Lopes (2011, p. 526):

> No Brasil, o principal sacerdote de um terreiro. O termo é uma tradução incorreta do iorubá *babalorisa*, "sacerdote do culto aos orixás", fusão dos vocábulos *baba*, "pai", e *oloorisa*, "seguidor do culto". A tradução mais apropriada seria, então, "padre (pater > padre > pai) dos fiéis dos orixás", e não "pai de santo".

Dirigente do Terreiro de Umbanda Casa de Pai Joaquim de Angola e Caboclo Mata Virgem, localizado no bairro do Engenho Novo, na mesma cidade, é um homem negro, carioca e profundamente conectado à ancestralidade, que equilibra com firmeza duas vocações que, para ele, caminham juntas: educar e acolher. Desde jovem, encontrou na espiritualidade um caminho de transformação – pessoal e coletiva. Compromisso, comprometimento e responsabilidade sintetizam a forma como encara todos os seus papéis: o de educador, o de sacerdote e o de cidadão. O entrevistado demonstra, através das suas palavras e da sua postura durante a entrevista, toda a sua dedicação e

que viver a religião vai muito além do ritual. Isto, seja na sua casa espiritual onde orienta médiuns e acolhe frequentadores com atenção e escuta, seja nas salas de aula onde, entre mapas e discussões geopolíticas, incentiva os alunos a refletirem sobre o mundo e suas múltiplas dimensões. Entre a lousa e o atabaque, o que guia esse professor-pai de santo é a coerência. E um profundo senso de missão a cumprir.

Inicialmente, apresenta sua trajetória no Candomblé, cujo caminho para a iniciação tem origem no recebimento de um chamado espiritual, manifestado por meio de sonhos, pressentimentos ou por uma consulta aos búzios conduzida por um sacerdote ou sacerdotisa. Esse chamado demonstra que a pessoa tem uma ligação com a tradição e deve passar pelos ritos iniciáticos para estabelecer uma relação mais profunda com seus orixás. Verger (2018, p. 30) destaca que "a iniciação não se faz no plano do conhecimento intelectual, consciente e aprendido, mas em nível mais escondido, que vem da hereditariedade adormecida, do inconsciente, do informulado". Ele descreve esse processo e sua trajetória após a iniciação, revelando uma jornada de aprendizado, rituais e responsabilidades dentro do terreiro, envolvendo obrigações que fortalecem o vínculo com o orixá e consolidam o iniciado na comunidade religiosa, corroborando o que defende Cruz (2019, p. 248), para o qual:

> A experiência religiosa é algo presente em todas as religiões, contudo, ela não é a mesma em todas. (...), no que diz respeito ao Candomblé, (...) é marcada pelo relacionamento entre o fiel e seu Orixá. Pois, na relação entre ambos, a forma como o indivíduo se entende e se percebe é moldada, o indivíduo desenvolve um forte sentimento de criatura para com seu Orixá, e no momento do transe a pessoa torna-se uma com seu Orixá.

Sua trajetória evidencia um processo dinâmico de constituição de identidade, compreendida como resultado de interações culturais, sociais e históricas. Segundo Hall (2003, p. 432-433):

> (...) por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades.

Sua atuação simultânea como professor da rede pública e sacerdote de uma casa religiosa afro-brasileira expressa uma identidade plural e relacional, forjada no entrecruzamento de saberes pedagógicos, valores comunitários e heranças ancestrais.

Prosseguindo, Pai José Luiz discorre sobre sua transição do Candomblé – com seus ritos profundamente enraizados na ancestralidade, centrando-se no culto aos orixás, por meio de oferendas e cânticos – para a Umbanda, que, por sua vez, costura em seu pano ritualístico os fios do espiritismo kardecista, do catolicismo popular e das tradições africanas, acolhendo a manifestação de pretos-velhos, caboclos, crianças e guias espirituais diversos, em uma prática que entrelaça fé e caridade, saber e acolhimento. O trânsito entre Candomblé e Umbanda demonstra, ainda, a capacidade de reelaboração de sentidos individuais e coletivos, reforçando que a identidade não é um constructo estático, mas um contínuo de práticas, experiências e referências que articulam o sujeito a tradições, crenças e valores.

É nesse encontro de caminhos que alguns praticantes, entre eles o Pai José Luiz de Logun Edé, se reconhecem mais plenamente na Umbanda, atraídos pela multiplicidade de vozes que nela ecoam e pela centralidade do gesto solidário como prática espiritual. Em meio aos toques dos atabaques, que vibram como corações pulsando em ritmo sagrado, e às palavras que fluem como rios de axé, a Umbanda se apresenta como casa de muitos – uma morada espiritual onde a diversidade não é ruído, mas harmonia.

Observa-se, na experiência do sacerdote, a materialização da pertença e do território como dimensões indissociáveis dessa identidade. O sentimento de pertença emerge no vínculo estabelecido entre ele, sua comunidade religiosa e seus alunos, traduzindo-se em redes de acolhimento, solidariedade e reconhecimento, evidenciando o que Cruz (2007, p. 104) definiu como:

> (...) os laços de solidariedade e de unidade que constituem os nossos sentimentos de pertencimento e de reconhecimento como indivíduos ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território. Não é algo natural ou essencial, é uma construção histórica, relacional/contrastiva e estratégica/posicional.

O terreiro Casa de Pai Joaquim de Angola e Caboclo Mata Virgem configura um território que transcende o espaço físico: atua como suporte material e simbólico para a prática ritual e para a afirmação de valores culturais afro-brasileiros. Assim, esse espaço se constitui como lugar de resistência, memória e reinvenção identitária, onde se articulam dimensões espirituais, pedagógicas e políticas na produção e na manutenção de laços comunitários, considerando que o território:

> (...) imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica' (Haesbaert, 2004, p. 95-96).

O Pai José Luiz de Logun Edé evidencia que as religiões afro-brasileiras, apesar de enfrentarem os ventos contrários da intolerância e da desinformação, seguem firmes em sua travessia histórica, marcadas por sinais evidentes de resistência e reinvenção. Em meio às sombras projetadas pelo preconceito estrutural, seus terreiros – que mais parecem casas de força e acolhimento – seguem pulsando silenciosamente nas encruzilhadas urbanas, muitas vezes ofuscados pela invisibilidade imposta pelo olhar social hegemônico. É dentro desse terreno hostil que tradições como a Umbanda e o Candomblé continuam a florescer, mesmo quando "camufladas" no tecido das cidades.

> Os estigmas e invisibilização sofridos pelas religiões de matriz africana no Brasil, dentre elas a Umbanda e o Candomblé, são resultado de um processo histórico de perseguições adotado em um sistema colonial-cristão-europeu, que forçou essas religiões, a adotarem posições marginalizadas (Bonifácio, 2017, p. 136).

O entrevistado apresenta um movimento cada vez mais visível de aproximação entre a Umbanda e o Candomblé, que outrora caminhavam em margens distintas. O que antes era permeado por distanciamento e até por tensões internas hoje se transforma em respeito mútuo e intercâmbio ritual. Casas de Candomblé passam a acolher elementos da Umbanda, e terreiros de Umbanda abrem-se ao universo simbólico do Candomblé, num movimento de fusão que vai além da liturgia: trata-se de um gesto político e identitário.

> Ao compreender a forma como a umbanda e o candomblé se fundem, consegui entender algumas outras vertentes que vêm nascendo e se instalando nos templos, como o chamado umbandomblé, que é a prática das duas religiões em uma mesma casa (Morelli, 2029, p. 1).

Concluindo, o sacerdote assevera sobre necessidade de responsabilidade e disciplina que as religiões afro-brasileiras requerem, passadas à família de santo de seu terreiro de Umbanda (Figura 1).

Figura 1 – Família de santo de seu atual terreiro



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado, 2025.

Entrevista

1) Como e por que o senhor foi iniciado em uma religião afro-brasileira? Houve algum chamado espiritual específico?

Fui iniciado, na verdade, por causa de problemas de saúde. Eu era muito doente desde pequeno. Tinha um problema que me fazia expelir água pelo nariz, pelos olhos, pela boca e pelos ouvidos. Minha mãe já não sabia mais o que fazer. Por fim, quando me levou a um pronto-socorro, fui internado. O próprio médico recomendou que ela procurasse um Centro Espírita. Foi então que, em um determinado dia, minha mãe foi até uma casa de santo e o pai de santo começou a jogar[4] e a falar da necessidade da minha iniciação. Assim, minha trilha no caminho espiritual aconteceu por conta de um problema de saúde.

2) O que o senhor pode nos contar sobre seu processo de iniciação? Quais foram os momentos mais marcantes?

Como mencionei na pergunta anterior, minha mãe foi ao terreiro para que jogassem búzios para ela. Quando chegou lá, o pai de santo iniciou o jogo, e, no meio da consulta, ele começou a descrever a minha vida como se estivesse dentro da minha casa. Falava com tanta precisão que parecia me conhecer pessoalmente. A partir disso, ele disse à minha mãe que eu era de Logun Edé – conhecido no Candomblé como o orixá da beleza, riqueza e fartura, sendo considerado o príncipe dos orixás e representa a esperança e o lado positivo da vida (Lopes, 2002) –, mas que não faria minha iniciação para esse orixá, e sim para Oxóssi – cultuado e celebrado nos terreiros de Candomblé brasileiros como o orixá associado à caça e às florestas (Souza, 2020) –, por questões relacionadas à casa e à sua interpretação espiritual. Ainda assim, afirmou que eu precisava passar pelo processo de iniciação.

Minha mãe, então, conversou com meu pai, providenciou os elementos rituais necessários e me levou ao terreiro. No dia do recolhimento, eu estava muito doente, contudo, foram realizados os ritos do processo de iniciação. Eu tinha apenas oito anos de idade.

Nesse processo, o que mais me marcou foi o fato de minha mãe já comentar, anteriormente, que eu havia tido algumas experiências mediúnicas. Quando o pai de santo realizou os atos e fundamentos, o orixá se manifestou com muita força, passando pela minha cabeça com grande intensidade, evidência e energia. Lembro-me muito bem desse momento até hoje – foi tão impactante que, assim que o orixá se manifestou, eu apaguei.

4. No Candomblé, "jogar" se refere principalmente ao jogo de búzios, um oráculo sagrado utilizado para obter orientação e aconselhamento sobre diversos aspectos da vida, como saúde, relacionamentos, finanças e vida espiritual.

3) Quem foi o seu pai ou mãe de santo e qual foi a importância dessa figura na sua formação religiosa?

Pai Anísio de Oxalufã – divindade que simboliza Oxalá, o criador supremo, senhor da paz, protetor e guardião da humanidade, manifestado em sua forma anciã (Monteiro, 2024) – teve uma importância fundamental em minha vida espiritual. Foi graças a ele que iniciei minha trajetória religiosa em uma casa de nação[5] – classificação dos cultos de Candomblé que distingue as diferentes tradições religiosas (Castro, 1981). Ele salvou a minha vida ao realizar minha iniciação, marcando o início da minha caminhada espiritual. Foi ele quem me indicou o caminho, por meio da iniciação e das obrigações que conduziu.

4) Qual era a casa ou terreiro em que o senhor foi iniciado, e que características marcavam aquele espaço?

Fui iniciado, em fevereiro de 1982, nessa casa de Angola, localizada em Coelho Neto, na cidade do Rio de Janeiro. Seu dirigente, Pai Anísio de Oxalufã, era de origem angolana e já possuía idade avançada. Embora fosse uma casa de nação, realizava toques para caboclos, pretos-velhos e outras entidades da Umbanda. Tratava-se de um espaço bastante familiar e de um Candomblé tradicional, com práticas antigas, como, por exemplo, a separação da assistência: os homens se sentavam de um lado e as mulheres, do outro.

5) Como a sua família e aqueles com quem o senhor convivia reagiram à sua iniciação e ao envolvimento com a religião?

Com bastante tranquilidade, até porque quase toda a minha família sempre foi de santo. Minha tia e madrinha era iniciada na Umbanda, então frequentávamos o terreiro dela desde muito pequenos. Sempre tive muito medo das entidades quando ia ao terreiro, ainda criança (risos). Minha mãe era frequentadora assídua, era da religião. Meu pai também. Por isso, foi um processo bastante tranquilo. Minha mãe foi quem realmente me conduziu e acompanhou todo o percurso durante a feitura.

5. As "nações" são classificadas como Jeje, Nagô, Queto, Ijexà, Congo e Angola, de acordo com o idioma falado, os costumes e os rituais religiosos, que diferem entre cada uma dessas tradições.

6) Como foi a sua experiência como adepto do Candomblé? Que aprendizados e desafios o senhor enfrentou nesse período?

Bom, a minha experiência como adepto do Candomblé, religião afro-brasileira, começou com a minha iniciação com o Pai Anísio de Oxalufã, em Coelho Neto. Logo após o seu falecimento, realizei a retirada da minha mão de Vumbi – (mão de Vumbe ou Mão de Nvumbe), *Maku Nvumbi*, refere-se ao ritual realizado para remover simbolicamente a influência espiritual do falecido, representada pela "mão" sobre os iniciados por ele (Aguiar, 2022) – na casa de uma senhora em Marechal Hermes, o que também foi uma experiência bastante significativa, pois, nessa ocasião, alguns dos meus orixás, que até então não haviam se manifestado, revelaram-se. A partir daí, fui frequentando outras casas, passando por novas iniciações e obrigações de reforço, aprofundando assim meu contato com o Candomblé.

7) Quais foram os orixás com os quais o senhor teve maior afinidade ou atuação ao longo da sua caminhada no Candomblé?

Figura 2 – Logun Edé (representação artística no Dique do Tororó, Salvador-BA)



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado, 2025.

Vamos lá. Sou filho de Logun Edé (Figura 2) com Iansã (Oyá) – orixá que comanda os ventos, as tempestades, os raios e os relâmpagos, além de ser reconhecida como a protetora dos espíritos dos mortos (Theodoro, 2010) – e Obaluaiê – conhecido como orixá da saúde, dos males físicos, do solo, dos segredos e da veneração aos anciãos (Teixeira, 2002). Oyá, minha mãe e meu segundo orixá, e Obaluaiê são orixás com os quais tenho grande afinidade. Tenho muita fé e profunda admiração por esses orixás – o que não significa que eu admire menos o meu pai, que é a minha vida e tudo para mim. Meu príncipe, meu paizinho, rei e dono da minha cabeça. No entanto, depois dele, minha admiração e afinidade maiores são por Oyá e Obaluaiê, que são os meus juntós – designação comum do orixá complementar de cada um (Lopes, 2011).

8) Quais são as principais diferenças que o senhor percebe entre o Candomblé que conheceu há 45 anos e o Candomblé praticado hoje?

O Candomblé de antigamente, da minha época, era mais autêntico, mais simples e marcado pela humildade. Não havia tanta parafernália nem suntuosidade. Atualmente, observa-se um Candomblé muito mais espalhafatoso, repleto de brilho e marcado por certo estrelismo. Naquele tempo, a prática religiosa era mais discreta, mais conectada à realidade. Hoje, o que se vê é um Candomblé bastante estilizado em comparação ao de outrora. As minhas experiências em diversas casas de Candomblé confirmam essa percepção: em todas por onde passei, os ritos e processos eram conduzidos com seriedade, humildade e com os pés no chão.

9) Como o senhor lida/lidava com a intolerância religiosa? Isso mudou com o tempo?

Em relação à questão da intolerância, é evidente que ela está muito mais presente hoje do que no passado – eu mesmo já fui vítima disso. Acredito que, em comparação com há 45 anos, ela tenha aumentado cerca de 99%. Desde a minha iniciação até os dias atuais, percebo que a intolerância cresceu significativamente e tende a se agravar ainda mais. Considero fundamental que tenhamos, em primeiro lugar, fé em nossos Guardiões, em nosso trabalho espiritual e que busquemos respaldo. Infelizmente, temos pouca representatividade nas instâncias de poder. Por isso, devemos sempre nos apoiar na legislação, realizar nossas atividades dentro das normas e exercer os direitos que nos são garantidos, para enfrentar qualquer tipo de ameaça nesse sentido.

10) O que mais marcou o senhor espiritualmente durante sua atuação como adepto no Candomblé?

O aprendizado de diversos elementos, especialmente os rituais, os ebós e as obrigações de cabeça, foi fundamental na minha trajetória espiritual, principalmente no contexto do Candomblé. Essas vivências me marcaram profundamente e contribuíram para a formação da minha identidade religiosa. Atualmente, sou responsável por uma casa onde pratico a Umbanda. Levo comigo uma bagagem rica em ensinamentos adquiridos nas casas de nação pelas quais passei, os quais continuam influenciando minha prática e meu modo de conduzir os trabalhos espirituais.

11) O que motivou o senhor a migrar do Candomblé para a Umbanda? Foi um processo gradual ou uma ruptura?

Foi um processo gradual. O que me levou a entrar para o santo foram as minhas entidades de Umbanda: caboclo e preto-velho. Na verdade, elas me cobraram mais do que o próprio orixá. Meu orixá nunca me exigiu nada grandioso – tanto que não sou raspado. Sou iniciado, sou oborizado, tenho obi, cumpri obrigações de bori, mas não passei pelo ritual de raspagem. Foram os guias da Umbanda que sempre me cobraram essa entrada na religião. Assim, minha aproximação e migração para a Umbanda aconteceram em razão das cobranças dessas entidades, pois eu precisava trabalhar. Elas me cobravam um trabalho de caridade e, para isso, eu precisava cumprir as obrigações com minha cabeça. Precisava me iniciar para poder desenvolver minhas entidades de Umbanda e, com isso, realizar o trabalho de caridade espiritual que elas executam até hoje.

12) Como foi essa transição no ponto de vista espiritual e pessoal? Houve resistência interna ou externa?

Como um processo gradativo, à medida que as entidades foram se manifestando e se desenvolvendo, cresceu também a necessidade de inserção no universo da Umbanda enquanto religião. A partir desse desenvolvimento das entidades e da procura das pessoas por consultas, fui adentrando o mundo da Umbanda. Meu afastamento do Candomblé – que hoje pratico muito pouco, ao contrário da Umbanda – ocorreu em razão das cobranças feitas pelos meus guias e de algumas situações que vivi em determinadas casas de Candomblé. No que diz respeito às cobranças espirituais, nunca houve resistência da minha parte; sempre procurei agir conforme minhas possibilidades e o grau de amadurecimento que eu tinha na religião. Busquei cumprir com minhas responsabilidades tanto quando frequentava as casas de Candomblé quanto, posteriormente, com a Umbanda. Iniciei-me na Umbanda com seriedade, compromisso e total dedicação às entidades.

13) Que elementos o senhor preservou do Candomblé na prática da Umbanda?

A Umbanda que pratico em minha casa é uma Umbanda "africanizada", que reconhece os Orixás em todas as práticas que realizamos. Nessa tradição, realizo as obrigações dos meus filhos de cabeça e faço limpezas espirituais. Quando é necessário realizar uma limpeza, nós a fazemos. Cortamos para Exu e seguimos todos os ri-

Figura 3 – Incorporação do Orixá Logun Edé



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado, 2020.

tos próprios de uma Umbanda "africanizada" que reconhece os Orixás (Figura 3). Trabalhamos com obi, orobô e quartinhas. Atualmente, é comum que essa forma de prática seja chamada de "umbandomblé". Em nossa casa, realizamos tudo aquilo que aprendemos com conhecimento, carinho, dignidade e respeito às entidades e aos Orixás que nela se manifestam, com reverência à coroa e ao orí (cabeça) de todos os filhos que aqui estão – especialmente ao meu.

14) Como o senhor define a Umbanda que pratica hoje? Ela segue alguma linha específica (Umbanda esotérica, tradicional, de Caboclo etc.)?

Enquanto seguidor de uma Umbanda "africanizada"[6], eu a defino como aquela que busca uma maior aproximação e fidelidade aos elementos e às práticas das religiões afro-brasileiras, com ênfase ao culto dos orixás e a valorização da ancestralidade, enquanto guias e protetores, representando um esforço para fortalecer e aprofundar a conexão com as tradições religiosas africanas.

15) Quais foram os principais aprendizados trazidos pela Umbanda que complementaram ou transformaram sua visão espiritual?

A caridade, a humildade, a simplicidade, o compromisso, o comprometimento e a responsabilidade. Em minha casa, dou consulta e trabalho com os Santos, nunca visando à parte financeira, sendo os atendimentos gratuitos. A minha sobrevivência financeira é obtida a partir de meus vencimentos enquanto professor de Geografia da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Então, eu procuro caminhar na caridade, ajudando ao próximo com subsídios de dentro da minha própria casa.

6. A Umbanda "africanizada" refere-se a um tipo de Umbanda que se aproxima mais dos rituais do Candomblé, adotando um culto mais ritualístico aos Orixás, com iniciações, uso de língua iorubá (e outras línguas africanas) e oferendas de sacrifícios, distanciando-se de outras linhas da Umbanda com maior influência do espiritismo kardecista e do sincretismo católico.

16) Quais são as atividades desenvolvidas atualmente em seu terreiro? O senhor continua atendendo como pai de santo?

Sim. A casa que dirijo é um cantinho anexo à minha residência, na qual tenho algumas pessoas que trabalham suas mediunidades e que me acompanham, e alguns filhos de santo que eu cuido, há, aproximadamente, 30 anos. Nesse cantinho, conduzo as sessões e giras junto às minhas entidades que chefiam os trabalhos espirituais de caridade por meio de consulta às pessoas que precisam.

17) Como o senhor enxerga o papel social e comunitário do terreiro hoje em dia?

Acho que muito ainda precisa ser feito. Observo que as religiões católicas, neopentecostais e outras cristãs fazem um trabalho assistencial maior do que as casas de Candomblé, assim como os centros kardecistas. Essas religiões realizam muitos trabalhos assistenciais, mas, em muitas casas de Candomblé e de Umbanda, não é uma atividade hegemônica, o que considero necessário, ressaltando que aquelas que a realizam têm esse trabalho invisibilizado por conta da estigmatização e da marginalidade das religiões afro-brasileiras.

18) O que mudou na sua relação com os guias e orixás ao longo dessas quatro décadas e meia?

Uma relação de muita confiança, energia, responsabilidade, compromisso e comprometimento. A própria mediunidade, ao longo dos anos, vai se modificando; as energias também se transformam. Novas formas de mediunidade começam a se manifestar. Hoje, tenho um canal mediúnico com minhas entidades por meio da mente, através do qual elas se comunicam intensamente comigo. A vidência que eu possuía no passado já não se apresenta com tanta força, mas a telepatia se intensificou bastante. Por meio dessa sintonia, consigo perceber a proximidade delas. O carinho também aumenta com o tempo. Passamos por muitas situações difíceis, mas nunca perdi a fé nos meus guias, nas minhas entidades e nos meus Orixás. E jamais devemos perder a fé naquilo que carregamos em nós – no dom que nos orienta e nos aponta caminhos. Vivemos momentos difíceis, dos quais devemos extrair aprendizado, conhecimento e sabedoria para lidar com os desafios do cotidiano e com os percalços da vida. Mas, depois deles, sempre vêm os momentos bons.

19) O senhor acredita que a Umbanda e o Candomblé estão se aproximando ou se afastando nos dias de hoje?

Em minha visão, alguns anos atrás, as duas tradições eram mais distantes. Hoje, acredito que se aproximaram bastante. Antigamente, ao se visitar uma casa de Candomblé, praticava-se exclusivamente o culto aos Orixás. Atualmente, dependendo da casa, também se cultuam os Exus da Umbanda. Outras casas valorizam ainda os Pretos-Velhos. Por isso, considero que hoje há, sim, uma aproximação.

Outro ponto importante é que muitas pessoas que eram da Umbanda, ao realizarem obrigações religiosas, passam por casas de Candomblé. Com isso, acabam levando consigo essa bagagem para dentro de suas casas de Umbanda. Assim, a proximidade entre as duas tradições se fortalece.

Além disso, o respeito por parte dos adeptos do Candomblé aumentou, superando uma visão preconceituosa que antes havia em relação à Umbanda. A própria Umbanda, por sua vez, também tinha uma visão diferenciada sobre o Candomblé. Com essa evolução e aproximação mútua, as relações entre ambas vêm se transformando significativamente.

20) Que conselhos o senhor daria a jovens que estão iniciando sua caminhada nas religiões afro-brasileiras?

Antes de vocês entrarem, reflitam com cuidado: é realmente esse o caminho que desejam seguir? É essa a decisão e a atitude que querem assumir? Muitas vezes, essa é uma porta de entrada sem saída, uma responsabilidade imensa. É necessário ter compromisso, dedicação, responsabilidade e muito empenho. A fase mais bonita da vida – a juventude – eu perdi em prol da religião, mas posso afirmar, com convicção e do fundo do coração, que não me arrependo nem um pouco.

No entanto, para essa juventude que hoje vive mais voltada ao lazer, à diversão e à distração, a religião exige muito. As religiões afro-brasileiras, assim como qualquer outra crença, demandam de nós comprometimento e responsabilidade. Sem dedicação séria, compromisso e empenho, não se cumpre a religião – e não se é honesto nem verdadeiro consigo mesmo.

Esses ensinamentos e valores eu costumo reforçar com meus filhos de santo, especialmente os mais jovens, que inclusive foram meus alunos, pois sou professor da rede pública. Procuro transmitir a eles, por meio de exemplos, a importância da responsabilidade, da dedicação, do compromisso e do comprometimento. Acredito que devemos sempre oferecer bons exemplos.

Sempre busco demonstrar minha dedicação, meu compromisso, meu empenho e minha responsabilidade, para que percebam que, assim como qualquer outra religião, essa é uma caminhada séria, cheia de responsabilidades, e não uma brincadeira – tal como a vida que levamos.

Referências

AGUIAR, Fernângeli. A Mão de Vumbe. Um outro olhar. **Meu Coração Africano**, Brasília, 2022. Disponível em: https://www.meucoracaoafricano.com/post/a-m%C3%A3o-de-vumbe-um-outro-olhar. Acesso em: 27 jul. 2025.

BONIFÁCIO, Welberg Vinicius Gomes. A invisibilidade das religiões afrobrasileiras nas paisagens urbanas. **Produção Acadêmica**, v. 3, n. 01, 2017, p. 134 -147. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/3739. Acesso em: 29 jul. 2025.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Língua e nação de Candomblé**. África**, [*S. l.*], n. 4, p. 57-76, 1981. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i4p57-76. Disponível em: https://revistas.usp.br/africa/article/view/90848. Acesso em: 25 jul. 2025.

CRUZ, Rúbia Campos Guimaraes. A relação com o Orixá como cultivo da experiência religiosa. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 232-249. DOI: https://doi.org/10.34019/2237-6151.2019.v16.28979. Acesso em: 28 jul. 2025.

CRUZ, V. do C. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. *In*: ARAÚJO, F. G. B. de; HAESBERT, R. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93-122.

FONTES, Larissa Yelena Carvalho. Feitura de Santo: uma narrativa artística e foto-etnográfica de uma iniciação no Candomblé. **Novos Debates**, v. 2, n.1, p. 310-320, 2015. DOI: https://doi.org/10.48006/2358-0097-2137. Disponível em: https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/213/172. Acesso em: 25 jul. 2025.

HALL, S; SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende *et al*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p.

HAESBAERT, R**. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 396 p.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011. 752 p.

LOPES, Nei. **Logunedé: santo menino que velho respeita.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2002. 216 p.

MORELLI, Thaís. As diferenças e as semelhanças entre o Candomblé e a Umbanda. **Alma Preta**. 2019. Disponível em: https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/as-diferencas-e-semelhancas--entre-o-candomble-e-a-umbanda. Acesso em: 29 jul. 2025.

PRANDI, Reginaldo. Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião. **Tempo e Presença**, São Paulo, ano 22, n. 310, p. 34-42, 2000. Disponível em: https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/Religiao_biografia_e_conversao.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

SOUZA, João Marcos. Oxóssi: o herói de uma flecha só. **Revista Mosaico – Revista de História**, Goiânia, v. 13, p. 57-63, 2020. DOI: https://doi.org/10.18224/mos.v13i0.7553. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7553. Acesso em: 25 jul. 2025.

TEIXEIRA, Antonio Alves. **Obaluae e Omulu**. 5. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2003. 100 p.

THEODORO, Helena. **Iansã: rainha dos ventos e tempestades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2010. 168 p.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo.** 1. ed. Salvador: Fundação Pierre Verger, 1997. 308 p.